

Estilos Parentais e Práticas Alimentares: Influência da Família no Comportamento Alimentar da Criança

Maria Clara Bassi Frederico¹ , Caroline Guisantes de Salvo Toni² 

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, Paraná.

Resumo: Estilo parental é o conjunto de práticas educativas parentais que o cuidador utiliza a fim de educar, disciplinar e desenvolver o comportamento da criança. Já as práticas alimentares são atitudes presentes na alimentação da família, que se modelam durante toda a vida da criança, sofrendo influências externas. Diversos estudos demonstram que práticas educativas parentais são preditoras de comportamentos na infância, porém ainda são poucos os que buscaram avaliar a influência dos estilos parentais nas práticas alimentares. Nesse contexto, o presente estudo buscou verificar se as práticas educativas parentais de mães/cuidadoras brasileiras de crianças de seis a dez anos de idade podem ser preditoras de práticas alimentares parentais. Participaram 132 mulheres, com média de idade de 40 anos, mães/ cuidadoras de crianças, de ambos os sexos. A pesquisa ocorreu de forma on-line, a partir dos instrumentos: questionário sociodemográfico, Inventário de Estilos Parentais (IEP) e questionário de Compreensão das Práticas Alimentares, versão Pais (CFPQ). A análise de dados ocorreu a partir de estatística descritiva e inferencial. Os resultados mostraram que quanto mais os pais usam práticas educativas parentais negativas, maiores são as chances de usarem também práticas alimentares negativas. Observou-se que a prática educativa parental monitoria negativa foi preditora das práticas alimentares de restrição por peso e por saúde, além de que, aliada à disciplina relaxada, mostrou-se preditora das práticas controle das emoções e controle feito pela criança. A prática de comportamento moral foi preditora da prática alimentar de ensino sobre nutrição. Os dados apontaram a importância de se observar as práticas educativas, principalmente as negativas, quando se pensa nas práticas alimentares. Destaca-se a importância do desenvolvimento de metodologias de trabalho com famílias, visando o desenvolvimento de práticas alimentares positivas na infância.

Palavras-chave: estilos parentais, práticas parentais, práticas alimentares, crianças, família

Parenting Styles and Eating Practices: Family Influence on Children's Eating Behavior

Abstract: Parenting style is a set of educational practices that the caregiver uses in order to educate, control and develop the child's behavior. Feeding practices are attitudes present in the family's diet that are modeled throughout the child's life, suffering external influences. Several studies have shown that educational practices are predictors of childhood behaviors, but there are still few that have sought to evaluate the predictive power of parenting styles in feeding practices. The aim of this study was to verify whether the parenting practices of Brazilian mothers/caregivers of children aged six to 10 years can be predictors of parental feeding practices. A total of 132 women participated, with a mean age of 40.01 years. The research took place online, using the following instruments: sociodemographic questionnaire, Parenting Styles Inventory (IEP) and the Understanding of Eating Practices questionnaire Parents version (CFPQ). Data analysis was based on descriptive and inferential statistics. The results

¹ Graduada em Psicologia pela Unicentro, Irati-PR, Brasil. *E-mail:* mariaclarabassi@gmail.com

² Doutora em Psicologia Clínica (USP). Docente do Departamento de Psicologia, Unicentro. Irati-PR, Brasil. *E-mail:* carolinegs@unicentro.br

showed that the more parents use negative parenting practices, the greater the chances of using negative eating practices as well. It was observed that the educational practice of negative monitoring was a predictor of the eating practices of weight and health restriction, in addition to that, combined with relaxed discipline, it was shown to be a predictor of the practice of control of emotions and control by the child. The practice of moral behavior was a predictor of the dietary practice of teaching about nutrition. The data pointed to the importance of observing educational practices, especially negative ones, when thinking about eating practices. The importance of developing methodologies for working with families aiming at the development of positive eating practices in childhood is highlighted.

Key-words: parenting styles, educational practices, eating practices, children, family

Introdução

Os estudos sobre estilos de parentalidade e práticas educativas parentais começaram na década de 60, com Diana Baumrind, e ainda atualmente mostram-se extremamente relevantes, uma vez que a família é o primeiro contexto de desenvolvimento da criança e que se mantém ao longo da vida (Gomide, 2013; Papalia & Martorell, 2022). Segundo Papalia e Martorell (2022), as contribuições de Baumrind para o tema sugerem três tipos de parentalidade: a autoritária, a permissiva e a democrática. A parentalidade autoritária descreve pais que utilizam o controle coercitivo e visam obediência sem questionamentos. A parentalidade permissiva descreve pais com pouca exigência e alta responsividade, apresentando baixa monitoria do comportamento da criança. Já a parentalidade democrática (autoritativa) descreve pais que são amorosos e tolerantes, bem como exigentes no que tange a comportamentos pró-sociais, limites e regras. Posteriormente, os estudos de Maccoby e Martin adicionaram ao modelo original o estilo de parentalidade negligente ou omissa, descrevendo nesse estilo o padrão de comportamento de pais que concentram sua atenção e energia em suas próprias necessidades, mais que nos filhos (Papalia & Martorell, 2022).

Gomide (2013) buscou ampliar o modelo de parentalidade, observando a necessidade de avaliar

as práticas educativas parentais de forma individual. Gomide (2006) descreve que o estilo parental de um cuidador é composto por todas as práticas educativas parentais que são usadas para educar, socializar e controlar o comportamento dos filhos, sendo que as práticas educativas parentais são as estratégias específicas utilizadas para desenvolver/manter/modificar um determinado comportamento na/da criança. Ou seja, estilo parental é a combinação única de como cada cuidador utiliza o conjunto de práticas educativas parentais.

O modelo de estilo parental de Gomide (2006) conta com sete práticas educativas, cinco que podem contribuir com o desenvolvimento do comportamento antissocial: negligência, abuso físico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria negativa, e duas relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais: monitoria positiva e comportamento moral. A monitoria positiva, segundo Gomide (2006), é definida como “um conjunto de comportamentos parentais que envolvem atenção para a localização de seus filhos, para suas atividades e formas de adaptação” (p. 8 e 9), representando esforços parentais para acompanhar o filho. Envolve ainda habilidades de comunicação dos pais com os filhos, que levam ao comportamento de autorrevelação da criança. O comportamento moral se refere ao comportamento parental que transmite valores e/ou virtudes tanto para a socialização da criança, quanto para a inibição do comportamento antissocial. Gomide (2006) afirma que, ao longo do desenvolvimento, duas nuances do comportamento moral ocorrem: a moral do bem, ou autonomia, em que o senso de cooperação estará presente em todo o seu desenvolvimento, permanecendo na vida adulta; e a moral do dever e obediência, que se refere ao respeito dos pais pela opinião dos filhos e dos filhos pelos pais (prevalecendo um respeito bilateral). Essas duas morais são determinadas pelas relações que a criança vive. Outra faceta da prática do comportamento moral relaciona-se à empatia; a família é fundamental para que a criança se sinta segura e desenvolva empatia. É comum que a criança ao longo do seu desenvolvimento teste limites, e nesse processo, podem ocorrer comportamentos de desrespeito ao outro. Nessas ocasiões é importante que a família apresente para a criança

as consequências do seu ato, gerando empatia. Ainda, é importante que a ensine a reparar seus erros. Quando os pais conseguem agir dessa forma, diz-se que estão agindo a partir de boas práticas de comportamento moral (Gomide, 2006).

Dentre as cinco práticas educativas parentais que podem contribuir para o desenvolvimento do comportamento antissocial, está o abuso físico, caracterizado como maus-tratos infantis, com a presença de punição corporal, ou seja, uso intencional de força física com o intuito de a criança sentir dor e fazer com que isso corrija ou controle o comportamento. Segundo Gomide (2013), o ato de bater na criança (um exemplo seria a palmada) não ensina a criança sobre o comportamento errado, e sim que a errada é ela, sendo, em geral, uma expressão de raiva do adulto. Sendo assim, práticas educativas parentais violentas são fatores etiológicos de problemas psicossociais.

A disciplina relaxada é definida como a dificuldade em manter as regras estabelecidas; o filho age desobedecendo, ameaçando e confrontando os pais, fazendo com que eles abduquem da regra que foi estabelecida. Em contrapartida, o descumprimento de regras pelos pais ensina que elas não devem ser cumpridas, que o filho pode desrespeitar autoridades e ensina a manipulação emocional e a insegurança sobre o que é certo e errado. Por isso, é importante que os pais estabeleçam regras, progressivas e possíveis de serem cumpridas, aplicando-as logo após o comportamento inadequado (Gomide, 2013).

A monitoria negativa ou supervisão estressante envolve a fiscalização e ordens excessivas aos filhos; estes, na tentativa de evitar o controle, podem se tornar agressivos e/ou dissimulados. Pais que utilizam alta supervisão estressante pretendem controlar não somente o comportamento de seus filhos, mas a autonomia deles (o que configura controle psicológico parental). As consequências envolvem o desenvolvimento de relações hostis e baixa autorrevelação por parte da criança (Gomide, 2006). Ademais, a penúltima prática educativa parental do modelo é a negligência, descrita como o comportamento de pais e mães que não são responsivos e que não cumprem as responsabilidades, ignoram a maioria dos comportamentos da criança e

respondem pouco à comunicação com os filhos. Por fim, tem-se a punição inconsistente, também chamada de punição não contingente ou humor instável, que acontece quando os pais punem os filhos uma hora sim, outra, não, dependendo do humor dos genitores, e não em consequência do comportamento da criança (Gomide, 2006). A partir de seu modelo teórico, Gomide (2006) desenvolveu o Inventário de Estilos Parentais (IEP). O IEP avalia as sete práticas educativas parentais, bem como o estilo parental, classificando-o como positivo, médio ou de risco.

Estudos já demonstraram que as práticas educativas parentais podem ser preditoras de diversos comportamentos das crianças (Gomide, 2013; Moraes & Batista, 2010; Salvo et al., 2005; Schapuis & Toni, 2023; Schavarem & Toni, 2019; Toni & Hecavei, 2014). Mais especificamente, alguns estudos mostraram também que as práticas educativas parentais estão relacionadas ao comportamento alimentar dos filhos (Coelho, 2016; Huçalo & Ivatiuk, 2017; Mayer, 2011; Mayer et al., 2014; Pereira & Lang, 2014; Prates et al., 2022; Silva et al., 2021).

Quanto ao comportamento alimentar, entende-se que este é moldado desde a gestação (fase pré-natal), uma vez que a alimentação da mãe interfere no bebê. Essa classe de comportamento pode ser mudada e/ou aperfeiçoada ao longo do tempo, estabelecendo, assim, as preferências e os hábitos alimentares das crianças e de seus pais, que são construídos durante todo o desenvolvimento do ser humano (Huçalo & Ivatiuk, 2017; Pereira & Lang, 2014).

Ademais, estratégias comportamentais específicas para controlar o tipo e a quantidade de comida são chamadas de práticas de alimentação (Mayer et al., 2014). Essas práticas influenciam a preferência das crianças por determinados alimentos, as formas como elas se alimentam, e a própria função da alimentação na vida do infante, uma vez que o alimento pode ser utilizado para além de seu valor nutricional, como, por exemplo, para controle do comportamento, reforço de comportamento, distração, entre outros (Mayer, 2011; Musher-Eizenman & Holub, 2007).

No estudo de Mayer (2011), ao relacionar família, escola e o desenvolvimento do sobrepeso e da obesidade infantil, a autora estudou o

comportamento de 139 crianças, com idade média de 11,45 anos, de uma cidade do interior do Paraná. A autora utilizou para sua pesquisa o inventário *Comprehensive feeding practices questionnaire-CFPQ* (Musher-Eizenman & Holub, 2007), o qual avalia 12 práticas alimentares. Os resultados indicaram que a maioria das crianças tinha peso normal. Mães autoritárias apresentaram melhores práticas de alimentação. Mães negligentes e autoritativas apresentaram filhos com peso normal, e filhos acima do peso apresentaram mães autoritárias e permissivas, resultados estes que podem estar relacionados a outras variáveis, que influenciam o estilo parental e o Índice de Massa Corporal (IMC). Ademais, práticas que envolvem e incentivam os filhos para um equilíbrio e variedade na alimentação tiveram tendência maior entre as mães e em relação às filhas. Mães com estilo parental autoritativo (democrático) apresentaram práticas de alimentação melhores. Ser modelo para os filhos, na pesquisa de Franco (2011), correlacionou-se à prática de incentivo de uma alimentação equilibrada e variada.

Já no estudo de Huçalo e Ivatiuk (2017), feito com 24 cuidadores de crianças brasileiras de oito a dez anos, teve como objetivo visualizar a relação entre práticas educativas parentais e o comportamento alimentar em crianças, por meio da análise estatística de correlação. A pesquisa mostrou que filhos de pais que incentivam e controlam para uma alimentação saudável têm mais interesse por alimentos diversos e mais prazer em comer. Pais que apresentam punição inconsistente têm filhos que ingerem mais alimentos do que o necessário em situações de desregulação emocional. A disciplina relaxada se correlacionou com crianças com comportamento de prazer quanto a se alimentar e ingerir bebidas calóricas. Por fim, o abuso físico se correlacionou com filhos que não têm interesse pela comida ou a evitam. Desse modo, práticas negativas correlacionaram-se com comportamentos alimentares disfuncionais e maior ingestão de comida.

O estudo de Pereira e Lang (2014) objetivou analisar a influência do ambiente familiar no desenvolvimento do comportamento alimentar, por meio de uma pesquisa descritivo-reflexiva na literatura nacional e internacional. Os resultados encontrados mostraram que a escolha e o gosto

por alimentos são processos de aprendizagem, principalmente por modelo, ou seja, a criança observa o comportamento, o gosto e as atitudes dos seus cuidadores e pessoas de referência. Os autores defendem que a orientação nutricional deve ser direcionada à família.

Uma revisão integrativa de 12 artigos internacionais sobre a influência dos pais sobre o hábito alimentar na infância foi realizada por Silva *et al.* (2021). Observaram que as práticas alimentares negativas mais citadas nos estudos analisados foram: pressão para comer, monitoramento, restrição e recompensa. Mães mais preocupadas com o peso dos filhos mostraram níveis mais altos de pressão para comer e método de restrição e de recompensa, e mães menos preocupadas com o peso dos filhos apresentaram níveis mais baixos de pressão. Em famílias em que existe o monitoramento da ingestão de comidas mais calóricas e ultraprocessadas, observaram-se filhos que preferiam alimentos saudáveis, como frutas e legumes. Os autores ainda ressaltam a importância de estimular a autonomia e o poder de escolha da criança para que promova uma boa relação com o alimento e o ato de comer. Quando os pais incentivam uma alimentação saudável e são envolvidos na preparação das refeições com a criança, é constatado comportamento alimentar positivo nas crianças, observando-se preferência por alimentos saudáveis.

O estudo de Mayer *et al.* (2014) objetivou uma análise por agrupamento, buscando os perfis parentais com base nas práticas educativas parentais e alimentares. A partir das respostas de 139 pares de pais de crianças de uma cidade do interior do Paraná, foram elencados 3 grupos para mães e 3 para pais, sendo eles: 1-mães atentas à nutrição, 2-mães ausentes na nutrição e 3-mães com problemas de controle e 1- pais envolvidos na nutrição, 2-pais intermediários na nutrição e 3- pais ausentes na nutrição. Levando esses grupos como base, as autoras observaram os estilos parentais predominantes em cada grupo por meio da análise de *Cluster*. Os resultados demonstraram que as mães atentas à nutrição, mas com problemas no controle da alimentação dos filhos, apresentaram majoritariamente estilo parental autoritativo;

mães ausentes na nutrição se adequaram a mais de um estilo parental, sendo eles o autoritário ou negligente; mães atentas à nutrição apresentaram estilo parental permissivo; e mães ausentes na nutrição apresentaram estilo parental negligente.

Buscando observar a relação do peso da criança com as práticas educativas parentais de controle alimentar por meio de uma revisão de literatura que incluiu 50 artigos nacionais e internacionais, Coelho (2016) encontrou que entre as práticas alimentares, as mais estudadas foram pressão ao comer, restrição e monitoração. A pressão normalmente é usada no sentido de tentar incrementar a alimentação da criança; a autora aponta que crianças menores e magras são mais pressionadas a comer alimentos mais calóricos enquanto crianças com IMC mais alto são pressionados a comer mais frutas, legumes e verduras. A restrição é a prática de restringir o acesso da criança ao alimento; os estudos associam esta prática positivamente com o consumo de frutas e hortaliças, porém associam negativamente com o consumo de *snacks* e refrigerantes. A pesquisa mostrou que o uso dessa prática pode criar pensamentos contraditórios na criança, pois ela observa que alimentos “ruins” são oferecidos em momentos bons, como celebrações e momentos de socialização. Por último, a monitorização é a observação dos alimentos que a criança ingere. Essa prática apresenta uma incoerência na literatura, pois pode ser vista como uma prática “comum” dos pais, a fim de que a criança ingira mais alimentos saudáveis; porém, pais podem recorrer a essa prática quando veem que o filho está acima do peso e não a usam como forma de prevenção.

O estudo de Prates et al. (2022) propôs investigar a associação entre práticas alimentares de 140 pares de pais de uma cidade do estado de São Paulo e o consumo de alimentos ultraprocessados em crianças de dois a seis anos, usando o questionário CFPQ. O estudo concluiu que o consumo de alimentos ultraprocessados pelas crianças associou-se negativamente à prática educativa parental de monitoramento. Além disso, a pesquisa mostrou que é muito importante o uso de práticas alimentares parentais saudáveis para produzir uma alimentação saudável para crianças nessa faixa etária.

Sabe-se que, durante a infância a alimentação é fator importante para o desenvolvimento, crescimento e prevenção de doenças (Papalia & Martorell, 2022). Sendo a alimentação um ato voluntário e consciente (Piassetzki & Boff, 2018), que se modela durante o desenvolvimento e sofre influências do contexto (Sousa *et al.*, 2020), em que a família exerce grande influência no padrão alimentar das crianças (Ministério da Saúde, 2014) e alguns estudos (Franco, 2011; Huçalo & Ivatiuk, 2017) já indicaram relações entre as práticas de alimentação infantil e os estilos parentais, porém não de forma conclusiva, o presente estudo buscou verificar se as práticas educativas parentais de mães/cuidadoras brasileiras de crianças de seis a dez anos de idade podem ser preditoras de práticas alimentares parentais.

Método

Participantes

Participaram dessa pesquisa 132 mães/cuidadoras, todas do sexo feminino, com idades entre 19 a 66 anos (média de idade= 40,01 e desvio padrão= 6,70) de crianças com idades entre seis e dez anos (média da idade= 8,26 anos e desvio padrão= 1,88), de ambos os sexos. A grande maioria, 61,9%, são da região sul, 27,4% da região sudeste, 6,2% da região nordeste, 4,4% da região centro-oeste e nenhum participante da região norte.

Instrumentos

Foram utilizados três instrumentos:

1- Questionário sociodemográfico: contendo 14 questões, envolvendo a idade da criança e da cuidadora; se essa cuidadora era mãe/avó/outro; qual a região do país que residiam; quantas pessoas moravam junto com a criança; em qual período a criança estuda; estado civil dos pais ou se vive com outro cuidador; se apresentava alguma doença física ou mental (se sim, especificar qual); peso e altura da criança para ser calculado o Índice de Massa Corporal da criança.

2- Questionário “Compreensão das Práticas Alimentares versão Pais: *Comprehensive feeding practices questionnaire- CFPQ*” (Musher-Eizenman & Holub, 2007, traduzido por Mayer, 2011), usado para medir os comportamentos utilizados pelos pais quando alimentam seus filhos e as consequências no comportamento dos filhos, indicando quais estão relacionados a uma alimentação saudável e quais não. Ele avalia 12 práticas alimentares, sendo elas: 1- controle da alimentação feito pela criança: essa prática descreve o comportamento dos pais deixarem o controle da alimentação ser feito pela criança; 2- controle das emoções: pais usam a comida para controlar os estados emocionais da criança; 3- incentivo ao equilíbrio e variedade: os pais proporcionam o equilíbrio e variedade na alimentação dos seus filhos; 4- ambiente: os pais deixam alimentos saudáveis disponíveis em casa; 5- alimento como recompensa: pais utilizam a comida como recompensa ao bom comportamento do seu filho; 6- envolvimento: pais estimulam o envolvimento dos seus filhos no planejamento e preparação das refeições; 7- modelo: pais comem alimentos saudáveis para dar exemplo aos seus filhos; 8- monitoramento: pais ficam atentos ao consumo de alimentos menos saudáveis pelos seus filhos; 9- pressão: pais pressionam seus filhos a comerem mais nas principais refeições; 10- restrição por saúde: pais controlam o consumo de comida dos seus filhos com o propósito de limitar comidas menos saudáveis e doces, para manter seus filhos mais saudáveis; 11- restrição para controle do peso: pais controlam o consumo de comida dos seus filhos com o objetivo de diminuir ou manter o peso deles; 12- ensino sobre nutrição: pais ensinam o valor nutricional dos alimentos aos seus filhos para incentivar o consumo de alimentos saudáveis. Cada subescala deveria ser respondida em escala *Likert* de três pontos, com os rótulos: Nunca; Às Vezes ou Sempre. Para a correção, somam-se as práticas positivas (incentivo ao equilíbrio e variedade, monitoramento, ambiente, envolvimento, modelo e ensino sobre nutrição) e subtraem-se as negativas (controle das emoções, alimento como recompensa, pressão, restrição por saúde e restrição para controle do peso). Fica fora do *score* total do CFPQ a variável “controle da criança,”

por ter efeitos paradoxais no desenvolvimento do comportamento alimentar (Musher-Eizenman & Holub, 2007).

3- Inventário de Estilos Parentais- IEP (Gomide, 2006) é um instrumento que busca avaliar os estilos parentais. Consta de 42 questões, com seis questões para cada uma das setes práticas educativas (negligência, punição inconsistente, monitoria negativa, abuso físico, disciplina relaxada, monitoria positiva e comportamento moral). Foi utilizada, nessa pesquisa, a versão de auto-inventário, na qual os pais responderam sobre suas próprias práticas educativas. A apuração foi feita com a tabela do cartão de resposta, avaliando a frequência com que os pais utilizam a prática descrita, assinalando a escala. Foram utilizados os dados normativos das práticas educativas maternas. O índice de cada prática educativa parental foi calculado por meio da soma dos seis itens de cada escala, e o índice de Estilo Parental foi o resultado da soma dos pontos nas escalas das práticas positivas, subtraído do resultado da soma dos pontos das escalas das práticas negativas, com cada resposta valendo determinado número de pontos. O cálculo para o índice de estilo parental é (iep): $iep = (A + B) - (C+D+E+F+G)$. Se esse índice for negativo, as práticas são negativas, e se o índice for positivo, as práticas são positivas.

Procedimento

Trata-se de uma pesquisa com metodologia quantitativa, transversal e correlacional. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética sob parecer número: CAAE 70633323.7.0000.8967.

Como critério de inclusão, o respondente deveria ser mãe, avó, madrastra ou cuidador do sexo feminino. Assim, foram excluídas as respostas de 10 pais que responderam à pesquisa. A pesquisa foi realizada de forma on-line, pela plataforma *Google Forms*; os participantes foram convidados a participar por meio das redes sociais, a partir da divulgação no *Instagram* e *WhatsApp*. O tempo médio de resposta era de 15 minutos. Tendo acesso ao questionário, foi apresentada para a participante a instrução da pesquisa, seguido pelo Termo de Consentimento Informado. Após a leitura, a participante confirmava

sua anuência em participar da pesquisa e era direcionada a responder às questões. Após a conclusão do questionário e envio pela participante, os dados eram direcionados a uma planilha do *Excel*. O questionário ficou disponível para participação durante o período de 01 de agosto de 2023 a 15 de agosto de 2023.

Análise de dados

A análise dos dados foi realizada com o *software Statistical Package for the Social Sciences – SPSS* versão 18. Foi usado estatística descritiva e inferencial, como o teste de Correlação de *Pearson* e regressão linear múltipla (método *stepwise*). Também foi calculado o Índice de Massa Corporal (IMC) das crianças participantes, utilizando-se o peso e altura, segundo a fórmula: peso da criança dividida pela sua altura elevada ao quadrado.

Resultados

Para a exposição dos resultados, destaca-se que, inicialmente, são apresentados nas Tabelas 1 e 2 os dados de estatística descritiva. A análise inferencial é apresentada nas Tabelas 3 e 4, respectivamente com os dados das análises de correlações dos instrumentos e análise de regressão linear múltipla (método *stepwise*).

Todas as variáveis dos instrumentos (análise de cada prática educativa, Estilo Parental (IEP) e CFPQ) foram analisadas, comparando-se meninos e meninas. Como não houve diferença estatisticamente significativa em nenhuma variável, procedeu-se à análise da amostra como um todo, sem considerar-se o gênero da criança.

Na tabela 1, é visível que a média do IEP das participantes foi de 8,98 e desvio padrão, de 5,44. A prática educativa parental positiva que teve a maior média e menor desvio padrão foi a monitoria positiva, e a prática educativa parental negativa com maior média e maior desvio padrão foi a monitoria negativa. O IMC obteve média 16,23 e desvio padrão 6,50; porém, de toda a amostra, apenas 88 participantes (66,66%) responderam com os dados que permitiram o cálculo do IMC da criança.

Tabela 1

Média e desvio padrão do IEP e IMC

	Média	Desvio Padrão
IEP total	8,98	5,44
Monitoria positiva	11,34	0,93
Comportamento moral	10,50	1,31
Punição inconsistente	2,74	1,71
Negligência	1,99	1,37
Disciplina relaxada	1,69	1,62
Monitoria negativa	5,65	2,21
Abuso físico	0,77	1,25
IMC	16,23	6,50

Na tabela 2, observam-se as médias e desvios padrão do CFPQ. Destaca-se que a média do CFPQ foi de 17,88 e o desvio padrão de 7,19. O CFPQ também conta com a avaliação de práticas alimentares positivas e negativas. A prática “controle feito pela criança” não entra como prática positiva ou negativa por ter efeito paradoxal no desenvolvimento infantil. Observa-se na tabela, em relação às práticas positivas, maiores médias e desvios padrão (dp) nas práticas de: a) incentivo ao equilíbrio e variedade (11,21, dp 1,15), b) modelo (10,28, dp 1,73), enquanto as negativas destacaram-se: c) restrição por peso (12,37, dp 2,81) e d) controle da criança (10,22, dp 1,59).

Tabela 2

Média e desvio padrão do CFPQ

	Média	Desvio Padrão
CFPQ total	17,88	7,19
Incentivo ao equilíbrio e variedade*	11,21	1,15
Monitoramento*	9,75	1,95
Ambiente*	8,52	1,26
Envolvimento**	6,69	1,33
Modelo*	10,28	1,73
Ensino sobre nutrição**	6,56	1,07
Controle das emoções**	3,59	0,83
Alimento como recompensa**	3,73	1,05
Pressão*	6,86	1,80
Restrição por saúde*	8,59	1,88
Restrição por peso****	12,37	2,81
Controle da criança***	10,22	1,59

*Nota. *escala composta por 4 itens; ** escala composta por 3 itens; *** escala composta por 5 itens; **** escala composta por 8 itens.*

Observa-se na Tabela 2 que as escalas que compõem o CFPQ têm números de itens diferentes. Assim, a média pode ser observada em função da pontuação máxima que cada escala proporciona, tendo em vista que todos os itens foram respondidos em escala *Likert* de três pontos. Dessa forma, por exemplo, a escala de Incentivo ao equilíbrio e variedade poderia ter uma pontuação máxima de 12 pontos; a média da amostra foi de 11,21, o que indica que essa prática foi altamente relatada pelas participantes.

Na tabela 3, é possível visualizar as correlações entre IEP e CFPQ. Foram observadas correlações positivas entre IEP final e práticas alimentares de incentivo e modelo; monitoria positiva e práticas alimentares de monitoramento e ensino sobre nutrição; comportamento moral e práticas alimentares de ensino sobre nutrição e restrição por peso; negligência e prática alimentar de controle das emoções; disciplina relaxada e práticas alimentares de controle das emoções e controle da criança; monitoria negativa e práticas alimentares de ensino sobre nutrição, controle das emoções, pressão, restrição por peso e restrição por saúde; e abuso físico e prática alimentar de restrição por saúde. Foram observadas correlações negativas: entre IEP final e as práticas alimentares de controle das emoções e restrição por saúde; punição inconsistente e as práticas alimentares de incentivo, modelo e ensino sobre nutrição; disciplina relaxada e a prática alimentar de modelo; e monitoria negativa e a prática alimentar de controle da criança.

Tabela 3

Correlação entre IEP e CFPQ

	Incentivo	Monitoramento	Ambiente	Envolvimento	Modelo	Ensino sobre nutrição	Controle das emoções	Alimento como recompensa	Pressão	Restrição por peso	Restrição por saúde	Controle da criança
IEP final	R= 0,184*	R= 0,150	R= 0,000	R= 0,035	R= 0,218*	R= 0,016	R=- 0,287**	R= -0,153	R= -0,167	R= -0,165	R= -0,260**	R= -0,022
Monitoria positiva	R= 0,142	R= 0,222*	R=0,067	R= 0,004	R= 0,081	R= 0,214*	R= -0,025	R= -0,070	R= -0,062	R= 0,004	R= -0,119	R= -0,037
Comportamento moral	R= 0,093	R= 0,046	R= -0,108	R= 0,118	R=0,079	R= 0,354**	R= 0,070	R= 0,003	R= 0,016	R= 0,208*	R= -0,037	R= -0,055
Punição inconsistente	R= -0,194*	R= -0,065	R= 0,010	R= -0,087	R= -0,188*	R= -0,196*	R= 0,112	R= 0,080	R= 0,028	R= -0,029	R= 0,061	R= 0,086
Negligência	R= -0,086	R= -0,046	R= -0,103	R= -0,030	R= -0,050	R= -0,033	R= 0,176*	R= 0,088	R= 0,000	R= 0,101	R= 0,093	R= 0,043
Disciplina relaxada	R= -0,074	R= -0,206	R= 0,055	R= 0,010	R= -0,275**	R= 0,129	R= 0,255**	R= 0,073	R= 0,066	R= 0,041	R= 0,019	R= 0,186*
Monitoria negativa	R= -0,101	R= -0,031	R= -0,011	R= -0,002	R= -0,064	R= 0,250**	R= 0,268**	R= 0,111	R= 0,251**	R= 0,388**	R= 0,342**	R= -0,235**
Abuso físico	R= 0,040	R= 0,026	R= -0,016	R= 0,118	R= -0,023	R= 0,158	R= 0,150	R= 0,121	R= 0,127	R= 0,127	R= 0,189*	R= 0,018

Nota. *A correlação é significativa no nível 0.05; **A correlação é significativa no nível 0.01

Buscando verificar se as práticas educativas parentais poderiam ser consideradas preditoras das práticas alimentares, procedeu-se a uma análise de regressão linear multivariada. Foram usadas as sete variáveis do IEP como possíveis preditoras de práticas alimentares indicadas pelo CFPQ. Como a Tabela 4 indica, as práticas alimentares monitoramento, controle das emoções e controle da criança apresentaram duas práticas preditoras; por exemplo, controle da criança tem como práticas preditoras monitoria negativa e disciplina relaxada, ou seja, quanto menos os pais utilizam de monitoria negativa e mais disciplina relaxada com os filhos, maior é o controle feito pelos filhos da própria alimentação.

Tabela 4

Modelo de regressão (stepwise) entre as variáveis do IEP e do CFPQ

Variável dependente (CFPQ)	R2	F	GI	P	Variáveis Predictoras (IEP)	Beta padronizado	p
Incentivo ao equilíbrio e variedade	0,038	5,101	1	0,026	Punição Inconsistente	-0,194	0,026
Monitoramento	0,049	6,043	2	0,003	Monitoria Positiva	0,208	0,015
					Disciplina Relaxada	-0,192	0,025
Modelo	0,075	10,612	1	0,001	Disciplina Relaxada	-0,275	0,001
Ensino sobre nutrição	0,125	18,593	1	0,000	Comportamento moral	0,354	0,000
Controle das emoções	0,107	7,705	2	0,001	Monitoria Negativa	0,213	0,016
					Disciplina Relaxada	0,194	0,027
Controle da criança	0,125	9,231	2	0,000	Monitoria negativa	-0,314	0,000
					Disciplina relaxada	0,276	0,002
Restrição por peso	0,151	23,077	1	0,000	Monitoria negativa	0,388	0,000
Restrição por saúde	0,117	17,166	1	0,000	Monitoria negativa	0,342	0,000
Pressão	0,063	8,773	1	0,004	Monitoria negativa	0,251	0,004

Os modelos apresentados na Tabela 4 restringem-se àqueles que tiveram significância estatística. Eles indicam que o coeficiente de determinação (R^2) variou de 0,038 a 0,151, indicando que as variáveis preditoras (IEP) explicam de 3% a 15% da variância total das variáveis dependentes (CFPQ).

Discussão

O objetivo desse estudo foi verificar se as práticas educativas parentais de mães/cuidadoras brasileiras de crianças de seis a dez anos de idade poderiam ser preditoras de práticas alimentares. Nessa pesquisa participaram mães e cuidadoras brasileiras por meio de um questionário on-line. Na presente amostra, a média dos *escores* das práticas educativas parentais esteve de acordo com os estudos de Gomide (2006), ficando na média (entre os percentis 25 e 75). A única exceção foi a prática da monitoria negativa, que ficou acima da média. De acordo com Stattin (2000) e Fletcher et al. (2004), pais com bom estilo parental podem apresentar monitoria positiva e negativa altas, visto que a função de base de ambas é o acompanhamento. Apesar da monitoria negativa ser marcada principalmente por um acompanhamento sinalizado pela fiscalização, supervisão e regras excessivas (Gomide, 2004; 2006), muitas vezes tal prática acompanha a monitoria positiva, sendo que cuidadores podem alternar ou até utilizar conjuntamente ambas (Stattin, 2000; Fletcher et al., 2004).

Quanto aos estudos no Brasil envolvendo as práticas alimentares, poucos são os que utilizaram o CFPQ (Mayer, 2011 & Prates et al., 2022). Os estudos brasileiros, em sua maioria, são artigos de revisão de literatura ou tentam relacionar as práticas alimentares que são avaliadas pelo CFPQ em relação à maneira como a criança se alimenta. O CFPQ é um instrumento que avalia práticas alimentares dos pais a partir de 12 subescalas, sendo uma escala neutra (controle feito pela criança), seis subescalas de práticas positivas e cinco subescalas de práticas negativas. Frente a esse contexto, pode-se observar que os resultados do presente estudo envolvendo as seis escalas positivas (incentivo ao equilíbrio e variedade, monitoramento, ambiente, envolvimento, modelo e ensino sobre nutrição) ficaram com médias altas. Comparativamente, as subescalas que se referem a práticas alimentares negativas (controle das emoções, alimento como recompensa, pressão, restrição por saúde e restrição por peso) obtiveram médias abaixo das práticas positivas, sendo a escala restrição por saúde a que obteve média mais alta.

Observando-se os resultados, em que tanto as práticas educativas parentais quanto o estilo parental, assim como as práticas alimentares positivas tiveram médias altas, hipotetiza-se que tal qual outros estudos apontaram, mães com boa parentalidade tendem a apresentar práticas educativas parentais promotoras de saúde nos mais diversos âmbitos do desenvolvimento da criança (Moraes & Batista, 2010; Schapuis & Toni, 2023; Schavarem & Toni, 2019; Weber et al., 2003), incluindo-se a alimentação. Também, a forma de coleta de dados pode ter contribuído para resultados positivos, já que as mães e cuidadoras que escolheram participar possivelmente já demonstram interesse no tema, o que pode estar relacionado a melhores práticas alimentares. O Ministério da Saúde (2014), inclusive, descreve o quanto a consciência da importância dos hábitos alimentares e o cuidado com a alimentação são importantes preditores de boas práticas de alimentação.

O IMC das crianças que participaram desse estudo foi classificado como peso normal, não havendo relação das práticas alimentares desta amostra com desnutrição, sobrepeso ou obesidade infantil. Na pesquisa de Mayer (2011), observou-se também não haver diferença significativa no IMC da criança em função do estilo parental da mãe. Isso parece indicar que o IMC da criança não seja uma variável modulada pelos estilos parentais.

Quanto aos resultados de correlações e da regressão multivariada, várias relações significativas foram observadas. No presente estudo, utilizou-se o método de regressão *stepwise*, ou seja, de forma aleatória, todas as práticas educativas parentais (variáveis independentes) do IEP foram testadas como preditoras das escalas do CFPQ (variáveis dependentes). Dessa forma, todas as práticas encontradas como preditoras das escalas do CFPQ apresentam relações de predição significativas. Os resultados apontaram para coeficientes de determinação variando de 0,03 a 0,125, ou seja, as práticas educativas parentais do IEP explicaram de 3% a 12,5% da variação total das escalas do CFPQ. Enquanto os coeficientes de regressão explicam a variância total, os coeficientes de regressão padronizados (Beta padronizado) indicam

a proporção em que as mudanças nas unidades de desvio-padrão da variável preditiva afetam as mudanças no desvio-padrão da variável dependente. Como salientam Floyd *et al.* (2003), coeficientes de regressão padronizados variando de 0,10 a 0,29 exprimem relações moderadas entre as variáveis, e maiores que 0,30 altamente significativas. Nos modelos de predição formulados na presente pesquisa, os valores negativos dos coeficientes de regressão padronizados variaram de -0,19 a -0,31, enquanto os valores positivos variaram de 0,20 a 0,35, indicando valores altamente representativos. Em suma, os resultados sugerem que determinadas práticas educativas parentais podem prever, significativamente, as práticas alimentares parentais.

As práticas educativas parentais de negligência, disciplina relaxada e monitoria negativa, correlacionaram-se positivamente com a prática alimentar de controle das emoções, sendo que a monitoria negativa e a disciplina relaxada predisseram essa prática alimentar. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Huçalo e Ivatiuk (2017), no qual pais e cuidadores com essas mesmas práticas apresentaram filhos com práticas alimentares de subingestão e sobreingestão emocional, ou seja, as crianças comem menos ou mais, de acordo com o estado emocional. Esses dados sugerem que, quando as mães utilizam monitoria negativa e disciplina relaxada, maior é a chance de essas mães utilizarem o alimento como forma de controlar o estado emocional dos filhos.

Ainda, a negligência não foi preditora de controle das emoções, porém se correlacionou positivamente, indicando que, provavelmente, quando mães são negligentes também apresentam práticas de controle de emoções com o alimento. A negligência descreve pais com baixo envolvimento e interesse na criança (Gomide, 2004; 2006), o que explicaria a prática de controle das emoções com comida como uma forma de manejar as emoções da criança.

As práticas parentais de monitoria positiva, monitoria negativa e comportamento moral correlacionaram-se de forma positiva à prática de ensino sobre nutrição. As práticas educativas parentais positivas já foram correlacionadas em

outros estudos com comportamentos de saúde da criança e adolescentes (Gomide, 2013; Moraes & Batista, 2010; Salvo *et al.*, 2005), demonstrando que usar regras úteis e consistentes, acompanhar e ser modelo para a criança, geram efeitos positivos no desenvolvimento. No que tange à alimentação, os dados do presente estudo sugerem que mães com essas práticas educativas tendem a também fazer mais uso de práticas como o ensino sobre nutrição e o incentivo ao equilíbrio e variedade, o que leva a comportamentos de saúde alimentar. No estudo de Huçalo e Ivatiuk (2017), houve correlação significativa apenas entre monitoria positiva e prazer em comer. Ainda, o estudo das autoras não observou correlação entre a monitoria negativa e o comportamento alimentar da criança. Destaca-se que outros estudos (Ministério da Saúde, 2014; Piasetzki & Boff, 2018) apontam que a família gera influência nos modos de comer da criança, e o quanto o modelo e acompanhamento da criança nas refeições é fator importante no desenvolvimento alimentar. Apesar dos dados do presente estudo e o de Huçalo e Ivatiuk (2017) apontarem apenas em partes na mesma direção, ambos destacam a importância do monitoramento nos processos alimentares. Como já discutido, a prática da monitoria negativa tende a ser uma prática educativa negativa a acompanhar as positivas, indicando, a partir dos dados correlacionais, que a supervisão e fiscalização do comportamento da criança pode se generalizar para as práticas de ensino sobre a nutrição.

Ademais, as práticas alimentares que dizem respeito à restrição por saúde (ato de restringir alimentos a fim de limitar o acesso do filho a alimentos não saudáveis) e restrição por peso (ato de restringir alimentos para diminuir ou manter o peso dos filhos) obtiveram algumas correlações com práticas educativas parentais. As duas práticas alimentares correlacionaram-se positivamente com o comportamento moral. Além disso, a monitoria negativa se mostrou preditora das práticas alimentares de restrição por peso e por saúde, ou seja, quanto mais as mães usam a monitoria negativa, maiores serão as práticas de restrição. Hipotetiza-se que as mães, quando descrevem as consequências da ingestão de alimentos não saudáveis e a preocupação

com o ganho de peso para os filhos, podem fazer uso da prática de comportamento moral, bem como do monitoramento negativo. A criança necessita ser ensinada a verificar a periodicidade e o tempo das refeições ao longo do dia, além de os pais permitirem que ela escolha a quantidade que pretende comer e o que irá comer, levando em conta que os pais deverão fornecer comidas variadas e saudáveis, estabelecendo uma relação de modelo para as escolhas da criança (Viana *et al.*, 2009). O comportamento moral, além da descrição de contingências, também está relacionado ao desenvolvimento de vergonha e culpa por emitir um comportamento que, no passado, foi punido (Rocha & Martins, 2011), como comer em excesso ou alimentos não saudáveis. A monitoração desses comportamentos pode assumir caráter de supervisão estressante se os pais forem altamente focados nessa regulação a partir de um locus de controle externo (Salvo *et al.*, 2005)

Ainda, a prática alimentar de restrição por saúde correlacionou-se positivamente também com as práticas de monitoria negativa e abuso físico, pressupondo que, para as mães restringirem os alimentos para a saúde dos filhos elas podem utilizar força física ou ordens e regras excessivas. Esses dados vão parcialmente ao encontro do estudo de Huçalo e Ivatiuk (2017), em que o abuso físico foi correlacionado positivamente com saciedade e subingestão emocional. As autoras hipotetizaram que pais que utilizam de abuso físico tendem a ter filhos que apresentem uma relação de evitação com a comida e/ou, devido à coerção, perdem a capacidade de discriminar a saciedade, podendo levar a menor ingestão calórica.

Ainda, foram observadas correlações positivas de monitoria negativa e pressão, em que mães que colocam regras excessivas ou fiscalizam demais seus filhos (Gomide, 2004, 2006) apresentaram maior prática alimentar de pressão. Tal relação faz sentido, uma vez que o comportamento de fiscalização e supervisão estressante, ocorrendo no que tange à alimentação, coerentemente pode levar à prática alimentar de pressão. Segundo Mayer (2011), essa prática tem mais chances de ocorrer com crianças com IMC indicando sobrepeso ou obesidade infantil. No presente estudo, essa relação

foi observada levando-se em conta toda a amostra, e não apenas crianças com elevado IMC.

A monitoria positiva também se mostrou diretamente proporcional à prática alimentar de monitoramento, em que mães ficam atentas à ingestão de alimentos não saudáveis dos filhos. Na pesquisa de Mayer (2011), o alto monitoramento mostrou-se correlacionado com os estilos parentais autoritativo e permissivo. Esses estilos parentais referem-se à parentalidade com afeto e monitoria, sendo que o estilo permissivo descreve pais com dificuldades em ser exigentes. No presente estudo, as práticas de monitoria positiva (correlação positiva) e disciplina relaxada (correlação negativa) foram preditoras da prática alimentar de monitoramento, indicando que mães que monitoram e acompanham e têm boa capacidade de exigência tendem a ter melhores práticas alimentares de monitoramento.

A prática de punição inconsistente apresentou-se inversamente proporcional às práticas de ensino sobre nutrição, incentivo ao equilíbrio e variedade e modelo. Ainda, a partir dos modelos de regressão, observou-se que a mesma prediz, de forma negativa, a prática alimentar de incentivo ao equilíbrio e variedade, levando a crer que, para a criança se perceber, a família precisa propiciar um ambiente seguro e com modelos, visto que práticas educativas parentais de incentivo ao equilíbrio e variedade precisam de constância e disponibilidade desses alimentos. Gomide (2006) descreve que o humor instável dos pais, caracterizado por práticas educativas parentais que não são contingentes ao comportamento da criança, mas sim ao humor dos pais, não contribui para a aprendizagem de regras e comportamentos de saúde (Salvo *et al.*, 2005). O Ministério da Saúde (2014) também enfatiza o quanto a segurança alimentar e o equilíbrio alimentar estão atrelados e dependem da disponibilidade dos pais em deixar alimentos saudáveis disponíveis para a criança, além da manutenção da constância na apresentação de alimentos saudáveis para elas.

Além disso, a disciplina relaxada esteve inversamente proporcional à prática alimentar de modelo, ou seja, mães que apresentam a regra, mas não efetivam o cumprimento dela, seja porque colocam regras sem consequências, ou

porque não conseguem manter a regra frente ao comportamentopositor da criança, demonstraram ter menos chances de serem modelos aos filhos na alimentação, visto que tal prática pode levar à perda da autoridade parental (Gomide, 2006).

Considerações finais

Com essa pesquisa, foi possível observar que as práticas educativas parentais podem ser consideradas preditoras de diversas práticas alimentares parentais. Destacam-se as práticas educativas parentais negativas de monitoria negativa e disciplina relaxada como fortemente preditoras de práticas alimentares negativas, bem como a prática do comportamento moral como preditora do ensino sobre nutrição. Ainda, não se observou diferença entre as práticas educativas parentais e alimentares das mães em relação a filhas e filhos. Destaca-se ainda, que não houve participação efetiva de pais/cuidadores, o que impossibilitou a comparação das práticas de pais e mães. Esses dados sugerem que o cuidado com a alimentação continua a ser uma tarefa majoritariamente feminina. Tais dados apontam para caminhos importantes relacionados ao desenvolvimento de metodologias de trabalho com famílias, visando ao desenvolvimento de práticas alimentares positivas na infância.

Entre as limitações desse estudo, destaca-se que não foram analisadas variáveis que atravessam a vida das famílias e, conseqüentemente, as práticas alimentares, como a raça e o nível socioeconômico de cada região do país. Ainda, tendo sido uma pesquisa com coleta de dados on-line, hipotetiza-se que cuidadores que não têm acesso à internet e, provavelmente condições socioeconômicas e culturais diferenciadas, não participaram, contexto esse que provavelmente trouxe viés aos resultados. Além disso, a amostra contou com a grande maioria de participantes da região Sul do país, não havendo uma distribuição equitativa entre as diversas regiões do país. A amostra também contou com uma faixa etária ampla de mães e cuidadoras, que estão em momentos de vida distintos, podendo afetar as práticas educativas parentais. Ainda, não houve participação significativa de pais, o que impossibilitou

uma comparação de práticas educativas parentais e alimentares dos pais com as mães. Futuros estudos podem ampliar a amostra, observando se pais e mães apresentam práticas semelhantes, bem como verificar o poder modulador de outras variáveis que afetam o desenvolvimento da família.

Espera-se que o presente estudo contribua para uma melhor compreensão das relações entre as práticas educativas parentais e as práticas alimentares parentais, uma vez que o papel da família no desenvolvimento geral e alimentar da criança é fator de proteção para o futuro do infante. Conhecer as práticas educativas parentais mais comuns que levam a boas e más práticas alimentares facilita o processo de orientação parental, permitindo aos profissionais de saúde abordagens mais eficazes nas dificuldades de desenvolvimento envolvendo alimentação e nutrição. Por fim, o desejo é que esta pesquisa contribua para salientar a importância dos estudos interdisciplinares nas áreas de saúde, como a nutrição e a psicologia.

Referências

- Coelho, A. C. E. (2016). Práticas parentais de controlo alimentar: Relação com o peso da criança [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Fernando Pessoa].
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- De Melo, M. E. (2023). *Diagnóstico Da Obesidade Infantil: Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO)*.
- De Sousa, G. C., Lopes, C. S. D., Miranda, M. C., da Silva, V. A. A., & Guimarães, P. R. (2020). A pandemia de COVID-19 e suas repercussões na epidemia da obesidade de crianças e adolescentes. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 12(12), e4743-e4743.
- Fletcher, A. C., Steinberg, L., & Williams-Wheeler, M. (2004). Parental influences on adolescent problem behavior: Revisiting Stattin and Kerr. *Child development*, 75(3), 781-796.
- Floyd, R.G., Evans, J.J., & McGrew, K.S. (2003). Relations between measures of Cattell-Horn-Carroll (CHC) cognitive abilities and mathematics achievement across the school-age years. *Psychology in the Schools*, 40 (2), 155-171.
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Editora Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2013). *Pais presentes, pais ausentes: regras e limites*. Editora Vozes.
- Huçalo, A. P., & Ivatiuk, A. L. (2017). A relação entre práticas parentais e o comportamento alimentar em crianças. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em saúde mental*, 6(2), 113-128.
- Mayer, A. P. F., Weber, L. N. D., & Ton, C. T. (2014). Perfis parentais com base nas práticas educativas e alimentares: análises por agrupamento. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 15(3).
- Mayer, A. P. F. (2011). *As relações entre família, escola e o desenvolvimento do sobrepeso e obesidade infantil* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná].
- Ministério da Saúde. (2014). *Guia Alimentar para a População Brasileira*. (2ª ed.). Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica.
- Moraes, N. D. M. S., & Batista, A. P. (2010). Práticas educativas parentais: análise de estudos sobre o comportamento de pais e filhos. *Pensando fam*, 41-59.
- Musher-Eizenman, D., & Holub, S. (2007). Comprehensive feeding practices questionnaire: validation of a new measure of parental feeding practices. *Journal of pediatric psychology*, 32(8), 960-972.
- Papalia, D. E., & Martorell, G. (2022). *Desenvolvimento Humano-14*. McGraw Hill Brasil.
- Pereira, M. M., & Lang, R. M. F. (2014). Influência do ambiente familiar no desenvolvimento do comportamento alimentar. *Revista Uningá*, 41(1).
- Piasetzki, C. T. R., & Boff, E. T. O. (2018). Educação alimentar e nutricional e a formação de hábitos alimentares na infância. *Revista Contexto & Educação*, 33(106), 318-338.
- Prates, C. B., Passos, M. A. Z., & Masquio, D. C. L. (2022). Parental feeding practices and ultra-processed food consumption in preschool children. *Revista De Nutrição*, 35, e210269. <https://doi.org/10.1590/1678-9865202235e210269>
- Rocha, G. V. M., & Martins, P. (2011). Vergonha e Culpa. In P. I. Gomide (Org.), *Comportamento moral: uma proposta para o desenvolvimento das virtudes* (1ª ed., pp 175-191). Juruá Psicologia.
- Salvo Toni, C. G. D., & Pazzetto, T. (2018). Grupo de orientação a pais em clínica-escola de Psicologia. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 7(2), 69-86.

- Salvo, C. G. D., Silveiras, E. F. de M., & Toni, P. M. de .. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 22(2), 187–195. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2005000200008>
- Schapuis, S., & Toni, C. G. S.(2023). Práticas educativas parentais como preditoras de capacidades e dificuldades na infância. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 11(2), 81-93. Recuperado de <https://www.revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/393>
- Schavarem, L. N., & Toni, C. G. S.. (2019). A relação entre as práticas educativas parentais e a autoestima da criança. *Pensando famílias*, 23(2), 147-161. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200012&lng=pt&tlng=pt
- Silva, C., Barbosa, K. R., Santana, T. N., Gratão, L. H., & Gois, B. (2021). Influência dos pais sobre o hábito alimentar na infância: Revisão Integrativa. *Enciclopédia Biosfera*, 18(37).
- Stattin, H., & Kerr, M. (2000). Parental monitoring: A reinterpretation. *Child development*, 71(4), 1072-1085.
- Toni, C. G. de S., & Hecaveí, V. A.. (2014). Relações entre práticas educativas parentais e rendimento acadêmico em crianças. *Psico-usf*, 19(3), 511–521. <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003013>.
- Viana, V., Candeias, L., Rego, C. I. I. I., & Silva, D. (2009). Comportamento alimentar em crianças e controlo parental: uma revisão da bibliografia. *Alimentação Humana*, 15(1), 9-16.
- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-usf*, 8(1), 71–79. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000100010>